**Obra gráfica de Nilza Haertel: Itinerância de um acervo**

Ao final do ano de 2015, a família de Nilza Grau Haertel (Porto Alegre, 1942 - 2014), artista e ex-professora do Instituto de Artes da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (IA/UFRGS), entrou em contato com a Chefe do Departamento de Artes Visuais do IA/UFRGS, propondo a doação de parte do seu legado.

Nilza Haertel havia atuado na área de desenho e gravura de 1980 até sua aposentadoria, em 2009. Sendo também professoras na área de gravura, fizemos uma visita ao ateliê da artista para buscar dados mais precisos e poder dar o encaminhamento oficial pertinente. Havia muito a examinar e separar. Com um grande volume de itens a triar e pouco tempo disponível, praticamente nem foi possível olhar o conteúdo das gavetas da mapoteca existente, abarrotadas de papéis.

Discreta, reservada, exigente com sua produção, em vida Nilza Haertel realizou exposições individuais e participou esparsamente de exposições coletivas. Foi uma enorme e grata surpresa abrir as caixas e pastas recebidas e descobrir nelas uma volumosa e expressiva produção autoral de Nilza. Imediatamente, a ideia de realizarmos uma exposição com obras de Nilza Haertel se impôs com veemência, tendo também reforçado nossos laços de colaboração. Esta decisão exigiu, além do encontro de um espaço expositivo adequado, um esforço prévio na triagem e organização do material.

Fizemos uma primeira exposição no Centro Cultural CEEE Erico Verissimo (CCCEV), em Porto Alegre, em 2016, onde, como agora, optamos por enfatizar a produção litográfica da artista, visto ser a produção de maior intensidade e com mais volume de trabalhos, embora tenhamos encontrado também gravuras em metal, serigrafias e experiências com impressões em relevo, além de desenhos e mesmo pinturas. Embora muitos trabalhos não estejam datados, sendo, possivelmente, trabalhos ainda em construção, a maior parte das obras identificadas compreende uma produção realizada entre 1983 e 1990. As litografias aparecem, em sua maioria, em dimensões maiores das que costumamos ver no Brasil, devido à usual limitação de tamanho das matrizes de pedra que temos. Nos ateliês norte-americanos em que Nilza trabalhou, as pedras ainda se mantêm com os cortes de maior extensão e, pelo que podemos apreciar nos resultados das impressões, muito provavelmente, foram também utilizadas placas de metal ao modo litografia *offset*. Por vezes, em uma única e larga pincelada, Nilza deixa seu gesto na memória da matriz; outras vezes, em diálogo muito íntimo com a matéria e suas reações químicas – que, no caso dessa técnica, se conformam pela tensão entre a água e a gordura –, formas sem contornos rígidos resplandecem em gotas e salpicados provocando, mesmo que em preto e branco, uma imagem cheia de vida, ritmada, animada.

Em alguns casos, tivemos acesso a vários exemplares de uma mesma imagem, ou mesmo a sequências de provas com ligeiras diferenças*.* Usufruindo desta vantagem e observando que as imagens abstratas (nos) sugeriam encaixes na sua organicidade da matéria aguada que deslizava na matriz, decidimos enfatizar a multiplicação extensiva da forma apresentando algumas destas séries como painéis compostos pela justaposição de impressões idênticas ou semelhantes. Exploramos, assim, seu caráter modular e criamos novas leituras.

Resultado do esforço conjunto de uma grande equipe, esta exposição ganha o espaço da Galeria Marina de Moraes Pires do Museu de Arte Leopoldo Gotuzzo e apresenta uma artista pesquisadora com uma obra de grande fôlego e sensibilidade. O ateliê que outrora, esporadicamente, recebia alguns poucos privilegiados, hoje está fechado, mas a produção poética de Nilza Haertel permanece e ganha visibilidade.

Maristela Salvatori e Helena Kanaan, IA/UFRGS

Curadoras

(Texto adaptado do livro *Experiências Gráficas de Nilza Haertel*: recorte de um acervo, Porto Alegre: Marcavisual, 2018. P. 13-20.)